AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO INFANTIL[1]

Elaine Cristina dos Santos Gomes[2]
Maria Jezenira Alves de Santana[2]
Maria José Souza Santos Soledade[2]

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar algumas dificuldades da leitura e da escrita no processo de alfabetização, identificando fatores que podem contribuir para estas dificuldades de aprendizagem. Acreditamos que para alguém ser alfabetizado, não basta aprender a escrever, mas também aprender a ler. Ou seja, a alfabetização realiza-se quando o aprendiz descobre como o sistema de escrita funciona, isto é, quando aprende a ler, a decifrar a escrita. O estudo pauta-se em uma análise bibliográfica que fundamenta e explica o tema em questão. Com base nas obras estudadas, constata-se que a alfabetização tem outros objetivos além de ensinar a decifrar a escrita. Saber escrever corretamente é um deles. A escrita não deve ser vista apenas como uma tarefa escolar ou um ato individual, mas precisa estar engajada nos usos sociais que a envolve como forma de expressão. Assim, pressupõe-se que as dificuldades de aquisição possam ser superadas mediante o ensino e a aprendizagem da escrita contextualizada na alfabetização.

Palavras-chave: Leitura e Escrita. Dificuldade de aprendizagem. Alfabetização.

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela Profª. Msc Rita de Cássia Dias Leal.
[2] Acadêmicas do Curso de Pedagogia do 8º Período da Faculdade São Luis de França.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as dificuldades da leitura e da escrita no processo de alfabetização. Pretende identificar alguns fatores que contribuem para tais dificuldades a partir de teorias e práticas pedagógicas apresentadas por autores que abordam esta temática.

Aprender a ler e escrever não é um processo simples, porém para que alguém seja alfabetizado precisa enfrentar e vencer dificuldades que aparecem durante o processo de alfabetização. Essas dificuldades relacionam-se a algumas deficiências de aprendizagem da língua escrita que não se reduz apenas ao conhecimento das letras, já que as crianças não entram vazias na escola e constroem seu próprio conhecimento, no que se refere à alfabetização. Cabe ao professor, organizar atividades que favoreçam a reflexão sobre a escrita deixando a criança se sentir segura para expressar-se com mais facilidade, o que ajudará no processo de leitura e escrita.

No entanto, o estudo do processo de aprendizagem e suas dificuldades devem ser analisados primeiramente com relação à realidade externa e interna do aluno utilizando vários campos de conhecimento e de uma forma global compreender a condição do sujeito que tem dificuldades em leitura e escrita. As dificuldades de aprendizagem aparecem quando as práticas pedagógicas divergem das necessidades do aluno, neste aspecto sendo a aprendizagem significativa para o aluno, este se tornará menos rígido, mais flexível, menos bloqueado, isto é, perceberá mais seus sentimentos, interesses, limitações e necessidades.

Durante muitos anos os alunos foram penalizados, responsabilizados pelo fracasso, sofriam punição e críticas, mas, com o avanço da ciência, hoje não podemos acreditar que a dificuldade de aprendizagem seja uma questão de vontade do aluno ou do professor, é uma questão muito mais complexa, onde vários fatores podem interferir na vida escolar, tais como os problemas de relacionamento, as questões de metodologia de ensino e os conteúdos escolares.

A leitura e a escrita são processos muito complexos e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas, além disso, temos a aquisição da leitura e escrita como fator fundamental e favorecedor dos conhecimentos futuros. É uma ferramenta essencial, ou mesmo a estrutura mestra onde serão alicerçadas as

demais aquisições. Uma criança que não tenha solidificado realmente sua alfabetização poderá tornar-se frustrada diante da educação formal, terá dificuldade em todo seu processo evolutivo de aprendizagem, apresentará baixo rendimento escolar e pouco a pouco sua auto estima estará afligida, podendo manifestar ações reativas de comportamento anti-social, bem como levá-la ao desinteresse e muitas vezes até a evasão escolar. O problema pode ainda decorrer em outros secundários que acabarão se tornando tão ou mais graves daqueles originais que produziram a ineficiência da alfabetização.

De acordo com Vygotsky (1998), o ensino tem que ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças e que tenham significado para elas, sendo que o papel do professor como mediador é promover a interação ensinando a linguagem escrita e não apenas a escrita das letras.

Sabemos que, para se ter um bom desempenho nas séries posteriores precisa-se de uma boa base na fase inicial da aprendizagem da leitura e da escrita.

Este trabalho caracteriza-se como exploratório, baseado em fontes bibliográficas e se propõe a analisar as possíveis causas ligadas às dificuldades que podem influenciar de forma negativa o desenvolvimento da leitura e da escrita dos alunos na fase da alfabetização buscando subsídios que auxiliem professores no domínio de práticas pedagógicas e metodologias modernas para que os alunos possam desenvolver-se de forma satisfatória durante o processo de alfabetização tendo em vista, a superação das dificuldades existentes no âmbito do sistema educacional.

LEITURA E ESCRITA: PRINCIPAIS DIFICULDADES

A compreensão da leitura e da escrita abrange capacidade de percepção, atenção, memória, raciocínio, imaginação, motivação, interesse e muitos outros aspectos que envolvem habilidades linguísticas, perceptivas, motoras e cognitivas na aprendizagem.

O ato de ler não deve ser concebido apenas como uma adição de informações, mas como um processo de coordenação com o objetivo de obter

significado. Para tanto, esses processos envolvem quatro momentos que são: Perceptivo que determina o conhecimento da informação e para isso a memória é fundamental; léxico que está relacionado com o conhecimento acerca da informação; sintético que se refere ao conhecimento sobre a estrutura gramatical básica da língua e semântico que está voltado para a compreensão do significado da palavra.

Considerando as dificuldades de decodificação da leitura e da escrita podemos constatar os déficits, resultantes de problemas gerais de percepção, de processo fonológico, de memória em curto prazo e outras situações a serem analisadas nas crianças que apresentam dificuldades que são as disléxicas, aquelas que compreendem uma explicação oral, mas tem dificuldades de reconhecer palavras e escritas; aquelas que conseguem ler bem as palavras, mas tem dificuldades para compreender o que lêem; aquelas que têm dificuldades para reconhecer as palavras e compreender sua forma oral e escrita. Além da dislexia a criança poderá apresentar outras dificuldades de aprendizagem decorrentes de alguns problemas como:

- Bloqueio de comunicação, mutismo seletivo e dislalias que é um distúrbio da fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras. Basicamente consiste na má pronúncia das palavras, seja omitindo ou acrescentando fonemas, trocando um fonema por outro ou ainda distorcendo-os ordenadamente.
- As disglossias são distúrbios da articulação, decorrentes de anomalia na língua, no palato, na arcada dentária ou nos lábios. Outro distúrbio é a disfemia conhecida popularmente como gagueira ou gaguez, é a mais comum desordem de fluência da fala. Afasia é uma deterioração da função da linguagem, depois de ter sido adquirida de maneira normal e sem déficit intelectual correlativo. Caracteriza-se por dificuldade em nomear pessoas e objetos, disfasia é uma perturbação da linguagem, associada a uma lesão cerebral, que consiste na má coordenação das palavras e hiperatividade é uma síndrome caracterizada por desatenção, hiperatividade e impulsividade causando prejuízos a si mesmo e aos outros em pelo menos dois contextos diferentes.

Para Cagliari (2001), a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. É uma herança maior do que qualquer diploma e que a grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, é decorrente da falta de

treinamento da leitura. Porém, tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e a escrita requerendo um trabalho paciente, perseverante e desafiador num processo de descoberta como a busca do saber científico.

A leitura é uma atividade profundamente individual que assimila o conhecimento ao contrário da escrita que é uma atividade de exteriorizar o pensamento. Por isso, o professor que não lê para os seus alunos e não lhes dar a chance de ler muito está fora da realidade do conhecimento e fadado ao insucesso.

De acordo com Cagliari (2001), a escrita atua pela convencionalidade da representação gráfica dos signos e a leitura também tem a sua qualidade guiada não só pelos elementos lingüísticos, mas também pelos elementos culturais, ideológicos, filosóficos do autor. Uma criança não lê como um adulto e, sendo de uma classe social menos favorecida, não lê com desenvoltura como uma criança de um meio social elevado. Todas as crianças lêem, mas cada uma ao seu modo e a escola deve respeitá-las.

Ainda com base no autor, a leitura é uma atividade ligada essencialmente à escrita podendo ser ouvida, vista ou falada. Os primeiros contatos das crianças ocorrem com a leitura oral. Ouvir uma leitura equivale a ler com os olhos e também favorece a reflexão. Porém muitas escolas ainda usam o dialeto-padrão passando para as crianças idéias de um ensino tradicionalista exigindo que o aluno leia num tempo muito curto, dificultando seu aprendizado, causando traumas profundos, sobretudo quando o aluno, além das dificuldades fonéticas de produção da fala lida, tem de usar uma pronúncia distante de sua fala, como se estivesse lendo numa língua estrangeira.

Cagliari (2001), ainda afirma que, escrever é uma forma de expressão artística e até um passatempo para as crianças desde que elas tenham uma motivação real. Assim nessas tentativas de escrita, a criança não procura copiar, mas representar o que imagina que seja a escrita. Neste caso nada impede que o professor vá introduzindo propostas de trabalhos para as crianças com orientação, observando as dificuldades que cada uma apresenta na linguagem e na escrita.

> É preciso não corrigir demais as crianças: deve dar tempo para que aprendam e incentivar a autocorreção, a autocrítica. Quanto mais se tenta facilitar, orientar e corrigir tudo que a criança faz, menos ela reflete sobre a sua opção. Motivar as crianças é desafiá-las a fazer suas tarefas. É claro que isso é trabalhoso, mas necessário. Este tempo que a escola gastará na alfabetização será compensado com a aquisição de uma estrutura de

> conhecimentos mais sólida pela criança, que simplificará em muito sua atenção nos demais anos escolares. (CAGLIARI, 2001, p. 129).

Diante do exposto, podemos afirmar que o comprometimento do professor é muito importante com a tarefa da mediação entre as crianças e os conteúdos e na interação das próprias crianças entre si e o professor. Portanto o trabalho de despertar a criança para a compreensão da representação da fala através da língua escrita serve de alicerce para o desenvolvimento de uma alfabetização significativa.

Segundo Carvalho (2002), a aprendizagem da leitura torna-se mais eficiente quando os leitores trazem o conhecimento a respeito das convenções, características, tipo de estrutura do texto cuja leitura vai iniciar. A diversidade de textos apresentadas aos alunos traz convenções nem sempre tão claras para leitores iniciantes. É por isso que trabalhar desde cedo com as crianças à convenção da linguagem escrita pode ajudar a formar bons leitores e consequentemente bons escritores. Através do contato precoce com a leitura infantil e de experiências agradáveis no período de alfabetização, os resultados são satisfatórios às crianças por toda sua vida de aprendizagem.

Referindo-se à leitura e à escrita, que são duas atividades conduzidas paralelamente no processo de alfabetização e que envolve as crianças ao conhecimento, requer um tratamento especial e é preciso que os professores ouçam as crianças valorizando as opiniões que cada uma possa apresentar na fala ou escrita através de rabiscos, sequências de letras, gravuras, histórias e desenhos tornando assim, um trabalho sistemático como algo novo para uma boa aprendizagem. Sendo que, a escola deve incentivar e contribuir com a família e o aluno, buscando ajuda e mais conhecimentos para lidar com as dificuldades de aprendizagem, apresentando-se como uma comunidade ativa e dinâmica que almeja melhorias na qualidade de atendimento escolar e psicológico dos alunos.

Para Freire (2001) afirma que, não parece possível que um educador assuma a coordenação de uma secretaria de educação sem que se depare com o desafio dos déficits que a cometem à educação brasileira, tanto em sentido qualitativo quanto quantitativo. Visto que é muito grande a demanda de crianças em idade escolar que fica fora da escola e por outro lado à abrangência do currículo que não se consegue atingir durante o período letivo, mesmo porque, ele geralmente não é elaborado com o objetivo de atender as camadas populares da sociedade, sendo

que os déficits da educação atingem principalmente as famílias populares que conseguem chegar à escola e nela permanecerem.

Através da rotina da escola que são identificadas algumas das queixas comuns na primeira infância, as quais em geral são erroneamente confundidas, por desconhecimento, com diagnóstico de agressividade, hiperatividade e desatenção.

Segundo Seber (2006), as crianças reagem de acordo com o que lhe é proposto. Quando tem a intenção de desenhar elas constroem figuras. Quando a intenção é escrever elas fazem traços contínuos que de forma geral aparecem nas produções das crianças da mesma faixa etária. Sendo assim as progressivas conquistas alcançadas pelas crianças nos surpreende de forma permanente com suas realizações, além de ser essencial lhe transmitir autoconfiança fazendo com que ela seja capaz de criar e participar por acreditar em suas possibilidades de agir sobre o mundo que a rodeia.

Os estudos de Vygotsky (1998) apontam que, os gestos tem o significado de uma escrita e é uma maneira de simbolizar atos, ações, sentimentos e objetos dentro do imaginário. As atividades de dramatização desenvolvidas durante o período pré-escolar são treinamentos para a atividade de escrita, uma vez que os gestos constituem-se em escrita, uma escrita feita no ar e, os signos escritos são simples gestos que foram fixados. Mostra o desenho e os rabiscos como uma representação da língua escrita em primeiro estágio. Sendo entendidos como gestos ou tentativas de simbolizar a linguagem falada e como é realizado seus rabiscos e desenhos podendo estar nos indicando a maneira como entendem a representação da língua escrita.

Para o autor a compreensão da linguagem escrita é efetuada primeiramente através da linguagem falada; no entanto gradualmente essa via é reduzida, abreviada e a linguagem falada desaparece como elo intermediário. A julgar pelas evidencias disponíveis a linguagem escrita adquire o caráter de simbolismo direto, passando a ser percebida da mesma maneira da linguagem falada. No entanto, o ensino tem de ser organizado de forma que a leitura e a escrita se torne necessária as criança. A leitura e a escrita devem ser algo de que a criança necessite. Da mesma forma que as crianças aprendem a falar, elas podem muito bem aprender a ler e a escrever.

FATORES QUE CONTRIBUEM PARA AS DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA

Dentre os diversos motivos que podem condicionar as dificuldades de leitura e escrita podem-se destacar as seguintes características da disortografia: Alterações na linguagem – atraso no desenvolvimento e utilização da linguagem, junto a um insuficiente nível verbal, com pobreza de vocabulário, podendo ocorrer erros na escrita; Erros na percepção (visual / auditiva) – fundamentalmente estão baseados numa dificuldade para memorizar os esquemas gráficos ou para discriminar qualitativamente os fonemas; Falhas de atenção - Dificulta a aprendizagem do emprego das letras e sons corretamente.

As dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita é um fato comum e frequente no cotidiano escolar, há sempre um fator determinante para o problema como: a família, o professor da série anterior, o governo, a miséria, os problemas de saúde e a promoção automática. Muitos desses fatores são responsáveis direta ou indiretamente pelas dificuldades de aprendizagem nas séries iniciais.

Existem fatores determinantes na manutenção dos problemas de aprendizagem, entre eles, o ambiente escolar e contexto familiar. Quanto ao ambiente escolar, é necessário verificar a motivação e a capacidade dos educadores, a qualidade da relação professor-aluno-família, a proposta pedagógica e o grau de exigência da escola, que muitas vezes está preocupada com a competitividade e põe de lado a criatividade de seus alunos. Em relação ao ambiente familiar há casos em que a preocupação é com os resultados obtidos, podendo desenvolver na criança um grau de ansiedade prejudicando a aprendizagem adequada, assim facilitando que outras dificuldades ocorram.

Para Ferreiro e Taberosky (1999), nenhum conjunto de palavras, porém por mais vasto que seja, constitui por si mesmo uma linguagem. É necessário que se tenha a visão de um processo de alfabetização diferente, sugerindo hipóteses, buscando entender as dificuldades que a criança passa para ser alfabetizada, fazendo com que a criança procure ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala a sua volta.

Por outro lado, é preciso observar que a linguagem escrita também se diferencia da linguagem oral, tanto na estrutura como no que se refere ao valor e a função. Evidentemente a importância ortogada à atividade de leitura é diferente num meio e no outro. A quantidade de material escrito e de leitores a disposição da criança tão pouco é a mesma; porém é necessário recordar que ainda a criança que provém dos setores mais desfavorecidos vive imersa numa cultura letrada (ainda que seus pais sejam analfabetos). A ação de ler leva todas as crianças a reconhecerem o seu valor de verdade, pois o ato de leitura é interpretado como um fato de possibilidade sem questionamento de sua legitimidade.

Conforme as autoras, a psicogênese da língua escrita trouxe evidências de que as crianças criam hipóteses acerca da língua escrita, sobre como se ler e como se escreve. A professora precisa, não só, propor situações de escrita e de leitura, mas também analisar os textos produzidos pelas crianças, enquanto elas escrevem e perguntam. Dessa forma, para aprender a ler e escrever é preciso pensar sobre o que a escrita e a leitura representam para as crianças na fase de alfabetização e como representa a linguagem. Em relação à educação escolar, o processo de ensino e aprendizagem passa por algumas influências em que as práticas educativas são resultados das normas vigentes das técnicas aplicadas dos valores sociais.

De acordo com Roman e Steyer (2001), apresentar evidências de como as crianças da Educação Infantil concebe a leitura e a escrita, subsidia a professora no fazer didático acreditando que elas podem ler e escrever, criando situações que se abrem para um mundo de possibilidades.

De acordo com Emília Ferreiro e Teberosky (2001), toda criança passa por quatro fases antes de serem alfabetizadas: pré-silábica quando não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada; a silábica interpreta a letra a sua maneira atribuindo valor de sílaba a cada uma; a silábico-alfabética mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas; e a alfabética quando domina o valor das letras e sílabas.

Ainda com base nos autores, as atividades de leitura e de escrita aparecem muito mais nos primeiros anos de trajetória escolar das crianças. Sendo assim, é de fundamental importância o professor crie situações em que os alunos utilizem as duas práticas paralelamente, visto que, essa é a fase em que enfrentam muitas dificuldades até chegarem ao ato de ler e escrever, e dessa forma possa estimulá-

los a ler e a escrever de forma prazerosa, mesmo por que estas práticas serão úteis para a vida das crianças dentro e fora da escola ao longo da vida.

Conforme Lerner (2003), na fase inicial de alfabetização a criança deverá desenvolver a compreensão de que os sons da fala podem ser representados graficamente, porém mais adiante deverá alcançar a percepção visual de distinguir as letras do alfabeto e que para a criança aprender ler e escrever é necessário perceber as unidades sucessivas de sons da fala utilizados para enunciar as palavras e de distingui-las conscientemente uma das outras. Sendo também necessário que a criança absorva a ideia do conceito da unidade de palavra numa mensagem linguística.

Assim, o processo de alfabetização deve proporcionar situações nas quais os alunos participam de práticas sociais de leitura e escrita e quando o fracasso escolar se instala profissionais como fonoaudiólogos, psicólogos, pedagogos e psicopedagogos, devem intervir ajudando através de indicações adequadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste artigo possibilitou analisar algumas dificuldades da leitura e da escrita no processo de alfabetização apresentadas pelos autores citados que ressaltam a importância desse processo que tem sido valorizado como um sistema que visa o aperfeiçoamento dos métodos utilizados pelo professor, fazendo com que a aprendizagem do aluno se torne cada vez mais uma prática de valor nos contextos escolares.

Convém esclarecer que os professores precisam ter consciência de que os conteúdos que devem ser ensinados passam necessariamente por uma transformação e através dela são aprimorados, desenvolvendo novas técnicas para que tenham uma visão geral de como ocorre os processos de aquisição da linguagem e da leitura.

A partir da realidade da criança, devemos observar o que ela traz consigo e em que nível de conceitualização ela se encontra compreendendo a alfabetização como um processo que não se dá apenas dentro da sala de aula. Assim, podemos

considerar relevante que o sucesso do processo de alfabetização aconteça através do posicionamento do professor em sensibilizar o aluno a encontrar o caminho e o prazer pela descoberta de falar, de ler e de escrever, utilizando-as para desenvolver a capacidade de pensar e crescer, proporcionando atividades significativas como: trabalhos em grupos, debates, contação de histórias, dramatização, considerando o nível de desenvolvimento cognitivo do aluno.

Sendo assim, um sujeito atuante, que sente liberdade, prazer e gosto em ser alfabetizado, sente-se valorizado ao participar desse processo de transformação ampliando seus olhares consequentemente para a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Carlos. **Alfabetização e lingüística.** 10. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2002.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas,1999.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LERNER, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2003.

ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. A criança de 0 a 6 anos. In: **Educação infantil:** um retrato multifacetado. Canoas, SP: Ulbra, 2001.

SEBER, Maria da Glória. **A escrita infantil**: o caminho da construção. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.